

**VOZES DE RETRATOS ÍNTIMOS, DE TAIASMIN OHNMACHT E CARTAS A UM
HOMEM NEGRO QUE AMEI, DE FABIANE ALBUQUERQUE: DISPOSITIVOS DE
ESCRITA E DINÂMICAS IDENTITÁRIAS**

**VOZES DE RETRATOS ÍNTIMOS, BY TAIASMIN OHNMACHT AND CARTAS A UM
HOMEM NEGRO QUE AMEI, BY FABIANE ALBUQUERQUE: WRITING DEVICES
AND IDENTITY DYNAMICS**

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19340

Ana Beatriz Matte Braun¹

Resumo: Este artigo examina o modo como duas escritoras brasileiras exploram diferentes formas de falar de si ao mesmo tempo em que abordam os desafios identitários advindos da intersecção de preconceitos de cunho racial, social e de gênero. Orientada por uma perspectiva teórica de cariz decolonial, a análise trata de *Vozes de retratos íntimos* (2021), de Taiasmin Ohnmacht, e *Cartas a um homem negro que amei* (2022), de Fabiane Albuquerque. Ambas as autoras empregam a escrita de si como meio para analisar a memória familiar e seus percursos identitários no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: literatura de mulheres negras; identidade; dispositivos de escrita.

Abstract: This article examines how two Brazilian authors engage in self-referential writing to address identity challenges arising from the intersection of racial, social, and gender-based prejudices. Guided by a decolonial theoretical perspective, the analysis focuses on *Vozes de retratos íntimos* (2021), by Taiasmin Ohnmacht, and *Cartas a um homem negro que amei* (2022), by Fabiane Albuquerque. Both authors employ self-writing as a way to interrogate family memory and navigate identity trajectories within the complexities of the contemporary world.

Keywords: literature by black women; identity; writing devices.

Introdução

Uma marca distintiva da ficção brasileira contemporânea é a fusão das vozes de autores, narradores e protagonistas, traduzida na combinação de elementos da memória evocando e refletindo sobre a experiência individual, entrelaçados com elementos ficcionais. A exploração das diversas facetas das “escritas do eu” é uma das mais marcantes características da literatura

¹ Docente da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Guarapuava (UTFPR-GP), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do campus Pato Branco (PPGL/UTFPR-PB). Doutora em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Foi professora no Centro Cultural Brasil-Moçambique (CCBM) e doutoranda na Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, Moçambique. Atualmente desenvolve pesquisa de pós-doutorado sobre ficção moçambicana contemporânea na FFLCH-USP. E-mail: anabeatrizbraun@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7074-3617>.

produzida em nosso tempo, tendência que se manifesta em uma ampla gama de obras atualmente em circulação, as quais desafiam, de maneiras diversas, as fronteiras entre o mundo real e o imaginário, com destaque às escritas de si, autobiografias, metaficções e outras modalidades híbridas de escritas ficcionais (Noronha, 2014; Sedlmeyer, 2020).

No que diz respeito à literatura de mulheres, igualmente se destaca, como um de seus aspectos mais distintivos, a presença de elementos autobiográficos de autoras em obras que borram as fronteiras entre o real e o imaginado, ou a correspondência entre o relato e a experiência real (Dalcastagnè, 2005; Kandjimbo, 2020). São narradoras que manifestam o desejo de refletir sobre sua identidade pessoal e lugar no mundo por meio do emprego de elementos e procedimentos ficcionais específicos, especialmente visíveis na recorrência dos discursos da memória, tais como diários e cartas (Sarlo, 2007). Flertando com a ilusão de verdade, são escritas que tornam difusas as fronteiras entre a identidade de autoras, narradoras e personagens; mulheres escritoras que elegem a escrita de si, a escrita íntima, como estratégia narrativa preferencial para o debate de identidade, história, relações sociais e raciais. De acordo com Regina Dalcastagnè (2005, p. 116), “[...] a possibilidade de narrar o passado parece estar estreitamente ligada à ideia de ser autor - e não apenas um ator - dele. Sendo donas de seu passado, essas personagens teriam poder de gerenciar seu presente, e mesmo seu futuro”. Tal gerenciamento significa buscar dispositivos de escrita que deem conta de diferentes projetos quanto ao dizer do “eu” e da dinâmica das movimentações da identidade no mundo contemporâneo.

Para a mulher negra brasileira, a “[...] grande excluída da modernização conservadora imposta pelos donos do poder do Brasil”, nas palavras de Lélia González (2020, p. 100), o ato de falar, de escrever e de narrar a si mesma, a sua própria história e condição, vem impregnado do sentido de afirmação, enfrentamento e restituição, visto que a própria possibilidade de falar, de ter autonomia para falar e para escrever (literatura) é uma conquista histórica recente. Em grande parte ignorada pelas políticas de Estado ao longo da história brasileira, a mulher negra ainda hoje experimenta, a despeito de algum avanço em seu estatuto social no século XXI, um cotidiano “[...] marcado, por um lado, pela discriminação racial e, por outro, pelo machismo não só dos homens brancos mas dos próprios negros”, conforme nos alertava González (2020, p. 103) desde décadas atrás. Por isso mesmo, uma das principais características do feminismo negro é “[...] a solidariedade, fundada numa experiência histórica comum.” (González, 2020,

p. 103) Assim, “[...] a experiência vivida enquanto critério de credibilidade é frequentemente evocada por mulheres negras” (Collins, 2018, p. 149) como uma estratégia de resistência à opressão que visa empregar “[...] as experiências vividas na elaboração de conhecimento.” (Collins, 2018, p. 151).

Por conta disso, e tendo em vista as lógicas e relações de poder que historicamente subalternizaram as populações negras no Brasil, encontramos, na literatura aqui produzida, o “impulso autobiográfico” que “marca as páginas de inúmeros autores do passado e do presente, a entrelaçar a ficção e a poesia com o testemunho, numa linha que vem de Cruz e Sousa e Lima Barreto a Carolina Maria de Jesus e Geni Guimarães, entre outros”, conforme pontua Eduardo de Assis Duarte (2023, p. 9) Pois,

A instância da autoria como fundamento para a existência da literatura afrobrasileira decorre da relevância dada à interação entre escritura e experiência, que inúmeros autores fazem questão de destacar, seja enquanto compromisso identitário e comunitário, seja no tocante à sua própria formação de artistas da palavra (Duarte, 2023, p. 9).

Neste artigo, busca-se analisar o modo como duas escritoras brasileiras exploram diferentes formas de falar de si ao mesmo tempo em que abordam os desafios identitários advindos da intersecção de preconceitos de cunho racial, social e de gênero (Crenshaw, 2002; Lugones, 2014; González, 2020). A leitura de dois romances recentemente publicados, *Vozes de retratos íntimos*, da gaúcha Tiasmin Ohnmacht (2021) e *Cartas a um homem negro que amei* (2022), da mineira Fabiane Albuquerque, dois novos perfis na literatura brasileira, reafirma o apelo à escrita de si e à memória na ficção contemporânea; duas obras dispostas a “[...] rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura” (Evaristo, 2005, p. 54). Assim, o objetivo aqui é analisar como as narradoras tomam, nos dois livros, “o lugar da escrita, como direito” (Evaristo, 2005, p. 54); duas narradoras que escrevem para fins de refletir sobre a memória das experiências passadas, sua história familiar e seus percursos identitários no mundo contemporâneo.

Exponentes de uma nova geração de vozes femininas na literatura brasileira, Ohnmacht e Albuquerque são autoras que não se furtam ao debate intelectual da atualidade. Em comum, a disposição em assumir papel ativo no enfrentamento à hierarquia racial vigente, estabelecendo consistente diálogo com “[...] elementos de resistência e combate às opressões e preconceitos de classe, raça e gênero” (Salgueiro, 2023, p. 21); duas autoras dispostas a mostrar e discutir

“[...] a lógica categorial dicotômica e hierárquica [...] imposta sobre os/as colonizados/as a serviço do homem ocidental” (Lugones, 2014, p. 936), que impacta sua forma de ser e de estar no mundo. Tomam, por tudo isso, as próprias experiências familiares, as vivências cotidianas e as memórias pessoais como insumo para seus respectivos projetos literários. Pois, tal como observa Luís Kandjimbo (2020, p. 32) em relação à ficção das angolanas Luaia Gomes Pereira e Djaimilia Pereira de Almeida, verifica-se tanto em *Vozes de retratos íntimos* quanto em *Cartas a um homem negro que amei* uma “fecunda intersecção” entre “[...] a unidade da personagem e a unidade da narrativa”, a ser investigada a seguir.

O “pendor autobiográfico” (Kandjimbo, 2020, p. 32) que se verifica nas duas obras aqui analisadas se realiza, ao nível da construção textual, por meio de estruturas narrativas fragmentárias que se concretizam pela evocação da memória, no caso do livro de Ohnmacht, e pela escrita epistolar, no caso do livro de Albuquerque. Em outras palavras, o ato da escrita ficcional se realiza por meio de artifícios ficcionais bastante específicos: o manuseio de um álbum com fotos de família, no caso do livro de Ohnmacht, e da confecção das cartas, no caso do livro de Albuquerque. Em ambas, a indefinição das fronteiras dos gêneros acaba por acentuar o forte sentido de interlocução, de diálogo, seja das narradoras com leitores, seja com outras personagens, ou consigo mesmas.

A relevância da análise justifica-se pelo fato de que a escrita de romances, a ficção em prosa, ainda “[...] constitui um quadro de poucas obras” (Miranda, 2019, p. 27) no contexto da produção literária de autoras negras no Brasil. Tal defasagem decorre, em grande parte, da própria “[...] realidade social que afeta objetivamente o trabalho intelectual dificultando a escrita em prosa”, conforme aponta Fernanda Miranda (2019, p. 28) em seu premiado estudo sobre o tema. Assim,

[...] pensar o gênero romance articulado à autoria negra é necessário e urgente. Necessário, porque aqui o sujeito negro ainda disputa para ter o direito de contar as próprias histórias e não estar aprisionado à condição de ser objeto da história; disputa por articular, no discurso, a continuidade histórica de experiências fragmentadas e problematizar a manutenção de um sistema imaginário durável eurocêntrico; disputa pelo espaço de narrar as histórias comuns e partilhadas, as histórias íntimas particulares e anônimas, bem como as nacionais, as globais, as canônicas. Olhar para o romance é urgente, porque se trata de uma forma visivelmente minoritária quando interseccionada à autoria negra (Miranda, 2019, p. 54).

Nesse sentido, os trabalhos de Taismin Ohnmacht e Fabiane Albuquerque participam do processo de ampliação da produção e circulação de romances de autoria de mulheres negras

no Brasil, especialmente pelo empenho demonstrado por ambas em dar “[...] uma contribuição definitiva a partir de projeto estético, político e ético em prol da luta antirracista e de um mundo menos desigual.” (Salgueiro, 2023, p. 29). Nas duas obras, a memória é tomada como construção simbólica que atribui valor às experiências passadas, na condição de vigorosa ferramenta de revisitação da história (Bento, 2022), para fins de reconhecimento social e político das desigualdades que atravessam a existência de mulheres negras. Ademais, é preciso destacar que o esforço intelectual de ambas as autoras aqui analisadas deve ser empreendido por meio de uma perspectiva teórica de cariz decolonial, “[...] conceito que está fundamentalmente alinhado com o conceito de libertação” (Maldonado-Torres, 2018, p. 28) que, na escrita literária de Ohnmacht e Albuquerque, se traduz na busca pelo direito de lembrar, narrar e escrever. Em ambos os livros, a trajetória de corpos e identidades negras é tomada como ponto de partida para a elaboração de reflexões que buscam “[...] a restituição da fala e da produção teórica e política de sujeitos que até então foram vistos como destituídos da condição de fala e da habilidade de produção de teorias e projetos políticos.” (Bernardino-Costa; Grosfoguel, 2016, p. 21).

A partir de uma breve apresentação e síntese de algumas das principais questões abordadas em *Vozes de retratos íntimos* e *Cartas a um homem negro que amei*, o presente artigo visa mostrar, nas duas obras, a “prática da autoescrita” (Sedlmayer, 2020, p. 12) como dispositivo capaz de evidenciar e discutir o lugar ocupado por mulheres negras no Brasil contemporâneo. Em Ohnmacht e Albuquerque, escrever é ato de afirmação de si; é ato político (Evaristo, 2005; Kilomba, 2019), de agência, de conhecimento sobre sua própria história, suas origens, seu histórico familiar. Por conta disso, são obras que chamam atenção para a fundamental discussão sobre famílias no Brasil, especialmente as interracialias, conforme mostraremos mais adiante. São duas obras que inscrevem outras dimensões de subjetividade no debate crítico da atualidade justamente porque são vozes que, agora, falam de lugares sociais mais propícios para o debate intelectual; posições sociais conquistadas pelas narradoras de Taiasmin Ohnmacht e Fabiane Albuquerque.

1 *Vozes de retratos íntimos*: no álbum de retratos de uma família, o retrato do Brasil

Vozes de retratos íntimos foi publicado pela editora Taverna, de Porto Alegre, em 2021. Romance de “traços autobiográficos”, conforme informa a contracapa do livro, foi vencedor, em 2022, do prêmio AGES e do prêmio Açorianos (ambos na categoria “Narrativa Longa”).

Foi também finalista nos prêmios Jabuti, São Paulo de Literatura e Academia Rio-grandense de Letras. Na obra de 157 páginas, a autora se dedica a investigar - e ficcionalizar - seu passado familiar construindo uma espécie de “álbum de família narrado”; relação que vem sugerida já no título da obra, dedicada a fazer emergir a genealogia da narradora/autora e, ao mesmo tempo, histórias de um Brasil ainda pouco conhecido.

Taiasmin Ohnmacht é psicóloga e psicanalista de formação. Iniciou-se na escrita literária aos 40 anos de idade, em 2012, com o blog “Tintura de Toth”, onde publicou poesia e prosa. Em 2016 publicou o livro *Ela Conta Ele Canta* (Cidadela), em parceria com o poeta Carlos Alberto Soares. Seu último romance foi lançado em 2023, a prosa futurista *Uma chance de continuarmos assim* (Diadorim Editora).

Ohnmacht tem ativamente participado, nos últimos dez anos, da cena literária do Rio Grande do Sul, junto a nomes como Ronald Augusto, Luís Maurício Azevedo, Fernanda Bastos, Eliane Marques, entre outras e outros. Seu comprometimento com a luta antirracista está claramente formulado em sua dissertação de Mestrado, recentemente defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Psicanálise da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na qual ela afirma a necessidade de enfrentamento do silêncio e omissão diante do sofrimento psíquico causado pelo racismo em suas múltiplas facetas. Intitulado “Do laço social ao corpoema: enlaces entre negritude e psicanálise”, trata-se de um trabalho acadêmico que investiga o processo de assimilação das marcas subjetivas do racismo em sujeitos negros a partir da análise da “[...] narrativa que o sujeito negro produz quando assume a possibilidade de enunciação.” (Ohnmacht, 2019, p. 9).

Não é à toa, portanto, que *Vozes de retratos íntimos* abra com epígrafes de dois nomes indissociáveis dos estudos sobre a cultura e as relações étnico-raciais, no Brasil e no mundo. A primeira, de autoria de Conceição Evaristo, é um trecho que destaca o fato de que contar uma história pessoal serve de incentivo para que outras histórias sejam contadas. A segunda, de autoria de Frantz Fanon, destaca a relação entre assumir uma cultura e suportar o peso de uma civilização. São dois trechos nos quais o significado de falar (narrar, contar, ler e escrever) é colocado em questão; duas citações que anunciam a tônica da obra: uma composição artística construída a partir do ato de narrar, pela recorrência de momentos conversados com leitoras e leitores, nos quais a narradora se coloca como uma voz ativamente ocupando o papel de organizadora da matéria, ainda que se mostre, ao longo da obra, como uma personagem (do

presente e do passado). O primeiro parágrafo do romance anuncia o pacto ficcional:

Eu posso me apresentar dizendo meu nome, minha idade, onde nasci, meu estado civil, algumas coisas que vão montar um quadro na cabeça de vocês, algo como uma foto 3x4 estática, preta e branca, com o olhar assustado. Mas não vou fazer isso, não vou me apresentar, esqueçam o olhar assustado, em vez disso pensem na voz, uma voz sem palavras, apenas o ritmo, a entonação, o som. As palavras estão na folha em branco e se destacam pretas aos seus olhos, mas para pensar na voz eu vou precisar de mais do que isso, precisarei da minha e da tua imaginação, e à medida que avancemos nas letras pretas em folhas brancas, que algo se desenhe, algo mais que uma apresentação, algo que agora não sei dizer, mas que talvez encontre no fim. Preciso desmontar as fotos, tenho um punhado delas. Quanto mais antigas, mais pose e seriedade portam. Preciso dar movimento, imaginar o instante anterior e posterior ao instante revelado (Ohnmacht, 2021, p. 9).

As fotos às quais a narradora se refere como seu ponto de partida são o dispositivo responsável por acionar a narração, aos poucos cedendo espaço para o sentido da trama e as vozes do passado convocadas pela narradora; uma montagem de histórias das vidas de seus/suas ancestrais que vão compondo um memorial: na narrativa de Ohnmacht, a genealogia se submete ao arbítrio da narradora, revelando a faceta decolonial (Mignolo, 2011) orientando o sentido da narrativa para fins de desvelar vivências silenciadas.

A relação entre memória, imagem, voz e texto é, no romance de Ohnmacht, intrínseca e complexa: as fotos da família evocadas pela narradora funcionam como um catalisador para o ato de narrar, desencadeando uma corrente de lembranças que conduzem a narradora de volta à sua infância mas também a momentos mais remotos de seu passado familiar. Embora a narradora admita não possuir uma memória especialmente nítida, as fotografias servem como um ancoradouro seguro para o processo de rememoração e, a partir delas, a narrativa toma forma, como se as imagens fossem peças de um quebra-cabeça capaz de revelar aspectos até então ocultos da história de seus familiares. No trecho abaixo, a narradora se questiona:

[...] as histórias não são minhas, como contá-las? Cada vez que vou dar voz a estes cuja vida re-existe em mim, eles silenciam e me deixam muda. Às vezes parece que se me olhar em um espelho, ao modo de Oxum, verei os que vieram antes, sem, contudo, ver a mim mesma. Não me encontro nessa sucessão de imagens (Ohnmacht, 2021, p. 13).

Em *Vozes de retratos íntimos*, o sentido da trama está diretamente relacionado ao diálogo que se estabelece com leitoras e leitores:

Então, aqui estou escrevendo, vou abrir a cápsula para contá-los, mas para isso preciso me permitir desenhar palavras, o passado terá que suportar a criação que é minha, não se conta uma história sem algum grau de profanação, também tem algo que espero, e

que diz respeito apenas a mim, que deste contar surja uma imagem que me situe no espelho de Ogum (Ohnmacht, 2021, p. 13).

Perceba-se, nos dois trechos acima, a evocação da memória da narradora ligada à cosmogonia africana ancestral, anunciando um modo de narrar que evoca a religiosidade e experiência coletiva negra pela convocação de Ogum e Oxum. Com o desenrolar da trama, mais indícios de introspecção emergem, como se a narradora, ao longo da jornada, estivesse gradualmente se reencontrando, desvelando camadas de si mesma que estavam antes ocultas mesmo para si própria. O texto ficcional vai expondo, assim, um intrincado jogo de interiorização e exteriorização, revelando-se como uma cuidadosa montagem que vai, aos poucos, se desdobrando. Nesse processo, a própria figura da narradora desaparece por longos trechos, cedendo espaço para a trama se desenrolar por si só. É notável, nesse aspecto, o modo como os atos de “tecer” e “remendar” permeiam a obra, evocados desde as cenas iniciais entre a narradora, sua mãe Dora e sua filha Janaína em torno da costura até o encerramento da narrativa, com o tricô construído e depois desfeito:

Na sala, ajudo minha mãe com seu tricô e puxo o fio de lã da blusa azul. Um novelo vai se formando nas mãos dela. Depois temos mais duas blusas de diferentes cores para desmanchar. A brincadeira ruidosa de Janaína compete com o barulho da TV. Eu e minha mãe trabalhamos em silêncio, e as lãs coloridas se enroscam entre nós duas. Janaína domina os sons da casa (Ohnmacht, 2021, p. 156).

A simbologia da costura, no livro de Ohnmacht, torna-se uma metáfora intrínseca à estrutura narrativa, como se ela mesma fosse costurada, feita de fragmentos de memórias, como se cada uma das histórias de seus antepassados fosse meticulosamente escolhida e emendada a outras histórias, de modo a compor o mosaico da sua história familiar. Esse processo de composição narrativa assemelha-se, de modo bastante significativo, à obra *Parede da memória* (1994), de Rosana Paulino, aqui descrita e discutida por Márcio Seligmann-Silva (2022, p. 22):

Essa obra é composta de 11 fotografias de sua família que se repetem em diferentes números, chegando a atingir 1.500 fotos, que são impressas sobre tecido em tamanho de cerca de 8 x 8 x 3 cm cada, formando *patuás*, ou seja, um elemento de religiosidade afro que tem um valor de amuleto no candomblé. Cada patuá leva cores específicas, associadas a orixás que irão, então, proteger aquele que porta o talismã.

[...]

Parede da memória, na sua apresentação aparentemente simples, sintetiza, na verdade, o encontro de vários gestos: o fotográfico, o da costura, o da rememoração tanto da família, como de uma origem afro. A obra também alude aos universos da religiosidade, do jogo (de memória) e da montagem, já que se trata de um arranjo que está sempre em movimento, sendo remontado, sem nunca deixar de ser a *Parede da memória*.

Por conta disso, o recurso do álbum de fotografias acaba se tornando um artifício literário adicional, pois o que se espera do leitor/leitora é que ele ou ela imagine a voz que narra - é um pacto de intimidade, na memória evocada a partir de estímulos externos, fazendo com que a narrativa assuma o tom de testemunho e depoimento. Há momentos em que sua voz se mostra de modo muito evidente, quando a narradora interrompe o relato para compartilhar seus movimentos e escolhas, arbitrando os rumos da narrativa: “[...] neste momento, quero dar uma pausa na infância da minha mãe para falar um pouco sobre o outro grande contador de histórias da minha vida - meu pai, Alfredo.” (Ohnmacht, 2021, p. 23).

Trama “[...] feita também de espaços vazios” (Ohnmacht, 2021, p. 30), o texto de *Vozes de retratos íntimos* explora, conforme afirmado anteriormente, a complexidade da escrita da memória, destacando a alternância entre a reflexão sobre o passado e a avaliação do presente. O texto enfatiza, ainda, a natureza ficcional e não estritamente vinculada à fidelidade histórica desse processo, buscando, por conta disso, construir uma memória pessoal enraizada em lugares e questões específicas, ao mesmo tempo que se move em direção à desterritorialização, visando à autodescoberta da sua condição humana. Essa abordagem se assemelha, nesse aspecto, ao romance autobiográfico, ao sugerir uma identificação entre personagem, narrador e autor, ressaltando, contudo, que essa relação é apenas uma sugestão, dada a fronteira fluida do gênero. A narrativa resultante de tal fusão emerge do entrelaçamento entre a experiência e a capacidade de reinvenção da história e dos indivíduos, num processo de transformação da realidade vivida em discurso literário. Nesse sentido, o processo de narrar a família, aqui, significa um exercício de autoconhecimento, evocando um modo de narrar de histórias que são contadas de geração para geração, conferindo visibilidade a um cotidiano constituído por afetos mas também atravessado por diferentes tipos de violência, aspectos que, afinal, se intercalam quando refletimos sobre o modo como estão estruturadas as relações interraciais e de gênero no Brasil.

2 *Cartas a um homem negro que amei*: entre a biografia epistolar e o ensaio de interpretação social

Cartas a um homem negro que amei foi publicado pela Editora Malê em 2022. Com 261 páginas, o livro é composto por um conjunto de cartas escritas por uma narradora chamada Bia que, falando a partir de Lyon, na França, decide escrever para um certo “homem negro que

amou” ao completar 40 anos de idade. A cronologia das cartas se estende do dia 14 de agosto de 2019 até 1º de outubro de 2020, abrangendo um período de pouco mais de um ano. Nas cartas, a narradora conversa com esse homem, discorrendo e refletindo sobre sua própria história: a infância pobre no Brasil, a desestruturação e os inúmeros conflitos familiares que a obrigam a constantemente mudar de casa, o ingresso na vida religiosa como forma de fugir da violência e desamparo, a vida no convento que lhe confere certa estabilidade - emocional e financeira, ainda que não a livre da violência - e a vida acadêmica, que lhe possibilita compreender sua própria trajetória dentro de um quadro social mais ampliado. Trata-se, assim, de uma narrativa de formação da personagem (como intelectual) em relação a diversas instituições fundamentais em sua vida: a família, a Igreja e a universidade; a história íntima de uma mulher que narra sua própria trajetória pessoal e acadêmica/profissional, mas também uma exposição sobre a própria história brasileira, pela intersecção entre a narrativa ficcional, a biografia sociológica e o ensaio de interpretação social.

A autora, Fabiane Albuquerque, é doutora em Sociologia pela Unicamp, tendo produzido pesquisa acadêmica, entre outros temas, sobre imigrantes na Itália (Albuquerque, 2017) e a infantilização da subjetividade de mulheres brancas (Albuquerque; Diniz, 2022) na contemporaneidade. Albuquerque também escreve, desde 2017, para o “Portal Geledés”, discutindo, em sua coluna, as diferentes manifestações do racismo e machismo/patriarcado que atravessam a vida de mulheres negras, no Brasil e no exterior, onde reside. Em sua coluna, também narra e denuncia episódios de violência (particularmente aquela vivida em espaços acadêmicos), debatendo e interpelando o feminismo hegemônico branco e o machismo estrutural de homens negros, entre outras questões. Publicou recentemente *Ensaio sobre a raiva* (2024), obra na qual aprofunda seu desejo de compreender a realidade da mulher negra na contemporaneidade.

Destaca-se, em *Cartas a um homem negro que amei*, a presença de seu principal interlocutor, o “homem negro que amou”, que funciona como um atravessamento entre a voz que narra e nós, leitoras e leitores. A presença desse interlocutor é elemento central para o desenvolvimento da narrativa, já que as cartas são endereçadas para ele. Contudo, ainda que essa relação tenha se desenvolvido de forma platônica, ela serve como justificativa para a realização do ato de falar, visto que a narradora não está mais disposta a se calar sobre sua condição de mulher negra, anunciando tal disposição desde as primeiras linhas da narrativa:

Lyon, 14 de agosto de 2019

Olho pela janela do meu apartamento nesse final de tarde quente de Lyon, é o ano de 2019. Os tetos marrons, pessoas nas sacadas, faz muito calor. Estou prestes a completar quarenta anos. Quase metade de uma vida. Em mim, muitas lembranças e saudades de tempos, espaços e cheiros, sobretudo sensações que nunca mais provei e coisas que não sei dar nomes. Por outro lado, aquela sensação de uma vida vivida com gosto de sangue. Uma vez você me disse, assim que nos conhecemos, que “há coisas que a gente não diz nem pra gente mesmo”. O “não dito” só vim a entender anos mais tarde.

Com você vivi momentos que me fortaleceram para a vida inteira e os quais guardo no lugar mais sagrado em mim, mas chegou a hora de lhe dizer muitas coisas, de colocar em palavras, de fazer existir tudo o que calei: o meu não dito. O filósofo Wittgenstein tem uma célebre frase/proposição que diz: “Daquilo que não se pode falar é melhor silenciar”, mas, aprendi com mulheres feministas, negras sobretudo, que daquilo que não se pode falar é melhor gritar. O silêncio nunca me protegeu, legado de Audre Lorde (Albuquerque, 2022, p. 14).

Ao longo da leitura das cartas, acompanhamos o relato de como a narradora “torna-se mulher negra”, e que, nesse processo de autorreconhecimento, não deixa de abordar o ressentimento que passa a sentir de seu interlocutor, homem negro vindo igualmente da periferia e da pobreza, que também abraçou a carreira acadêmica, mas que não considerou, em sua própria tese, teóricas negras. A dificuldade que o homem demonstra em reconhecer as especificidades das trajetórias das mulheres negras (no Brasil, no mundo), sua contribuição para o desenvolvimento dos estudos sobre relações raciais e as próprias adversidades pelas quais passaram para poder falar se mostra, ao longo do livro, um atravessamento intransponível entre ambos, tal como constatara Lélia González (2020).

O silenciamento, ou melhor, a libertação do silenciamento surge, desde as primeiras linhas, como tema central no romance de Albuquerque, uma das chaves fundamentais para a interpretação da obra, que explora os meios pelos quais uma mulher negra passa para romper com a submissão que também historicamente lhe foi imposta. A reação a tal violência pode ser considerada um dos principais motores da narrativa, pela revolta e recusa da narradora em mostrar condescendência ao persistente sentimento de não pertencimento, à “máscara de ferro” (Ribeiro, 2018; Kilomba, 2019) que historicamente serviu de instrumento para calar vozes que narram tais experiências e subjetividades. Essa reação engloba desde o modo como a narradora percebe o trabalho doméstico, igualmente historicamente imposto, até a valorização do trabalho intelectual das mulheres negras.

Nesse sentido, uma das principais características da obra reside, justamente, em seu caráter didático. Ao mostrar grande disposição, desde o início, para “[...] romper com a história única e identificar tudo aquilo de negativo que havia sido dito” (Ribeiro, 2018, p. 20) sobre

sobre sua própria condição, a narradora não apenas lembra, mas também reflete e, principalmente, explica, recorrendo a escritores e escritoras, teóricos e teóricas, brasileiros/as e estrangeiros/as, cujas obras servem de suporte para a compreensão da situação das mulheres negras na atualidade. Para tanto, a narradora se vale das ideias e reflexões de Florestan Fernandes, Pierre Bourdieu, bell hooks, Jessé Souza, Paulo Freire, Norbert Elias, Pablo Neruda, Toni Morrison, Grada Kilomba, Frantz Fanon, Sueli Carneiro, Patricia Hill Collins, Audre Lorde, entre outras e outros. Cite-se, por exemplo, o seguinte trecho, que ilustra o modo como a teorização aparece incorporada ao tecido narrativo da obra:

A Igreja não me conheceu, tampouco o mundo. Fechei-me num profundo silêncio e deixei que, por anos, família, freiras, psicólogas, professores, padres, marido, dissessem qual era a verdade sobre mim. Não é à toa que um dos testes psicológicos que fui obrigada a fazer para entrar na congregação apontasse o diagnóstico de paranoia. Que negro ou negra no Brasil nunca foi considerado paranoico? Só entendi recentemente, ao ler a tese de doutorado de Sueli Carneiro. Ela fala da paranoia que a branquitude nos atribui, negando-nos o direito à verdade e desqualificando a verdade que trazemos. É assim: “Você está vendo a verdade, mas a gente nega que você está vendo-a e o problema se torna você”. Neusa Santos Souza também aponta isso no seu livro *Tornar-se negro*, assim como Grada Kilomba, Frantz Fanon, entre outros. Foi a religião e foi a ciência dizendo-me isso, como eu, na minha pequenez, poderia contestar? (Albuquerque, 2022, p. 152).

Mais adiante, outro exemplo da reflexão da narradora, na qual aborda a sua relação com as feministas brancas:

Depois conheci Sueli Carneiro através do artigo “Enegrecer o feminismo”. Que achado na minha vida! Senti-me como se tivesse encontrado ouro. Traduzi o texto para minhas colegas de mestrado e professoras. Nenhum *feedback* obtive, nem para dizer “legal”. Percebi que minha existência não interessava às feministas brancas. O importante para elas era olhar a opressão masculina sem olhar para outros tipos de opressões e absolutizar a luta delas, anulando outras. Quantas vezes citei exemplos de como não se pode falar de mulher no universal, mas fui ignorada ou atacada com argumentos “lógicos”, como o de que era “uma questão ontológica”. Lendo Butler, descobri que existem sujeitos que podem reivindicar para si essa tal “ontologia” sem se dar conta de que essa reivindicação também é, ela mesma, política (Albuquerque, 2022, p. 211).

Em sua relação com a Igreja Católica, a narradora reflete sobre o fato de que muitas vezes a instituição se revela mais generosa para os homens brancos, enquanto impõe uma rigidez mais pronunciada às mulheres negras, frequentemente submetidas a uma cultura de culpabilização em relação ao comportamento feminino. Embora a busca por capital cultural por meio do ingresso na instituição religiosa possa ter sido enriquecedora em alguns aspectos, a narradora reconhece o alto custo a ela associado, traduzido, em grande parte, em formas de

submissão e silenciamento. Ao longo da leitura do livro de Albuquerque, vão se acumulando indícios de tais dinâmicas, especialmente as raciais, que pautam as relações entre freiras europeias e suas colegas negras mais jovens brasileiras que refletem, em grande parte, os padrões de poder que estruturam as próprias relações coloniais mais amplas.

3 A família em fragmentos

Tendo em vista os aspectos anteriormente apontados, podemos afirmar que *Vozes de retratos íntimos* e *Cartas a um homem negro que amei* são dois romances que encaram, questionam e afrontam os discursos produzidos dentro das próprias famílias que normalizam a estrutura da hierarquia racial em funcionamento na sociedade brasileira. Um ponto de contato entre as obras é o fato de mostrarem, com bastante clareza, o modo como as famílias mais pobres absorvem os valores raciais que refletem o pensamento da elite dominante branca, causando sofrimento.

A narradora de *Vozes de retratos íntimos* não se esquivava de tal discussão, visto que a narradora é filha de pai branco com mãe negra:

Tem algo que circula entre o mundo exterior e a intimidade, e esse algo é violento. Quando bravo conosco, nosso pai nunca hesitou em usar frases racistas “Você precisa se arrumar melhor, teu cabelo parece uma vassoura!”, “Não tô criando um nego vagabundo!”, “Mas que neguinha metida tu é!”. Ao contrário de como está aqui, essas frases não vinham todas juntas, apareciam aqui e ali, pontuando as mesmas situações, insistindo em estabelecer um lugar, e frases como essas são repetidas por estranhos nos espaços públicos. Parece que, quando Alfredo percebeu que sua família escureceu e não foi capaz de se enxergar nos filhos, a estranheza passou a permear o relacionamento. Mas a pior frase que escutei dele foi “uma vez me disseram que filhos de branco com negro são infelizes, acho que é verdade”. Fiquei tão chocada que nem me lembro por que motivo ele falou isso, só ficou a frase, e a leve sensação de que ele lamentava algo de sua própria vida (Ohnmacht, 2021, p. 84-85).

Explorando a intimidade das famílias interraciais, lugar privilegiado para a compreensão das relações raciais brasileiras (Schucman, 2023), o livro de Ohnmacht aborda o racismo cotidiano vivido pela narradora e suas ancestrais. Em outro momento, ao narrar a trajetória de sua avó materna, Benedita, a narradora reflete sobre as dificuldades econômicas e sociais enfrentadas pela antepassada:

Minha avó também construiu a própria casa, sozinha, estilo fugindo da favela. Era muito econômica e seu maior orgulho era ter conseguido comprar um terreno regularizado e abandonar o quarto de despejo. Entre comprar o terreno e construir sua casa, levou um tempo de idas e vindas entre a favela e o bairro na zona leste de São Paulo, carregando material como podia. Seus vizinhos a chamavam de preta metida.

Eu a conheci já idosa, não preciso de fotos para imaginá-la, uma mulher altiva, Benedita (Ohnmacht, 2021, p.31).

Benedita, inclusive, é, segundo a narradora, nascida da violência sexual contra uma mulher indígena: “[...] o início da vida de Benedita é o final da vida de uma mulher originária desta terra a que chamamos Brasil” (Ohnmacht, 2021, p. 35). A história de sua avó estimula a reflexão da narradora, em (mais) uma ponderação sobre sua ascendência:

Talvez a personagem mais silenciosa dessa história seja a mãe de minha avó, desta que nem o nome soubemos. A frase que circula pela família é que ela era tão selvagem que foi caçada pelo meu bisavô. Algo me intriga nesse enunciado, já o escutei de pessoas diversas com as quais não possuo nenhum parentesco, o que pode significar essa frase circulando entre tantas famílias? Os restos de um testemunho? Algo que insiste para que possamos falar do estupro em nossa memória ancestral? (Ohnmacht, 2021, p. 35).

Já Albuquerque, tratando das complexidades e especificidades das relações entre mulheres em contextos familiares também de composição interracial, mostra que compreender as dinâmicas raciais e de gênero nesses espaços, assim como lidar com experiências de abuso e ascensão social, é crucial para interromper a perpetuação de padrões nocivos de comportamento. Ao evidenciar algumas das ferramentas empregadas pela branquitude para demarcar privilégios nos espaços familiares, as reflexões da narradora mostram o modo como estereótipos e hierarquias de raça aparecem, são vivenciadas, negociadas e legitimadas nas dinâmicas familiares cotidianas, culminando, invariavelmente, na construção e validação de mecanismos de negação da negritude dentro das famílias brasileiras. Pois, conforme salienta Lia Vainer Schucman (2023), ainda que haja afeto, sujeitos brancos guardam as prerrogativas para colocar em funcionamento, dentro das próprias famílias, uma hierarquia racial:

Na casa de minha tia também sofri abusos. Meu tio, por quem nutro profundo desprezo, ao ver minhas pernas grossas e meus seios que cresciam, devorava-me com os olhos e não podia ver-me sozinha que se aproximava para tocar minhas coxas. Ela, que não era idiota, via a situação e seu ódio contra mim aumentava, ao invés de se voltar contra ele. Sabendo que se eu reclamasse seria mandada embora novamente, vivia fugindo dele dentro de casa, assim como fugia do meu avô e do meu cunhado. A solução que ela encontrou foi proibir roupas curtas e que marcassem o corpo, substituindo-as por grandes e largas camisetas e calças. Meu primo, o mais novo, seguiu o mesmo rumo do pai. Sabendo que naquela casa eu e minha irmã éramos os corpos feitos para descarregar as frustrações e exercer o poder de toda família, ele entrava no nosso quarto à noite para se masturbar e penso que minha tia até sabia, pois nos proibia de fechar a porta. Ele só parou quando uma vez minha irmã se virou contra ele, atingindo-o no rosto (Albuquerque, 2022, p. 85).

Tentando sobreviver em meio a tanta violência, a narradora de *Cartas a um homem*

negro que amei é alguém que luta por estabilidade, elemento capaz de lhe assegurar autonomia. À vista disso, um dos trechos mais significativos do livro de Albuquerque é quando a narradora lembra de um período em que morou com uma amiga da universidade, longe de sua família, quando pode experimentar acolhimento e generosidade em (mais) um momento crítico da vida, já que essa amiga não apenas não cobra aluguel, como lhe cede um quarto exclusivo:

Certo dia, estávamos as quatro em casa quando começou uma forte tempestade e as três foram para o meu quarto. Sim, eu tinha um quarto só para mim, enquanto as três dormiam em um outro. Foi um dos gestos mais lindos que recebi na vida. Deram-me o que tinham de melhor (Albuquerque, 2022, p. 181).

Mais adiante, ainda refletindo sobre o gesto de generosidade e sua própria condição solitária no mundo, a narradora diz: “Naquele dia, deitadas comigo na cama, percebi que algo havia se movido dentro de mim. Elas tinham a casa afetiva e perder aquela física não era o principal problema. Já eu, não tinha nenhuma das duas.” (Albuquerque, 2022, p. 181-182) É uma revelação na qual a narradora constata sua condição no mundo. Em outro momento, a narradora reflete sobre outras escritoras que também trataram do valor do quarto: Virginia Woolf, em *Um teto todo seu*, e a própria Carolina Maria de Jesus; essa última, solteira convicta que, inclusive, afirmava, em *Quarto de despejo*, escrever ao som de “valsas vienenses” (Jesus, 2014, p. 16) enquanto ouvia a vizinha apanhar do marido no barraco ao lado. Porque se o quarto pode ser cenário de algumas das maiores atrocidades cometidas contra as mulheres, tantas vezes uma prisão, pode ser também lugar de libertação quando a mulher tem a propriedade, quando é dona da chave do quarto. Em outro momento, a narradora de *Cartas a um homem negro que amei* reflete:

Carolina Maria de Jesus foi daqueles achados e daquelas leituras de transformação que arrebatava. É possível escrever dentro de um “quarto de despejo”, sendo mulher, negra e não letrada. Lembro-me de uma passagem do seu livro, *Quarto de despejo*, em que ela conta por que não se casara, e a resposta era porque nenhum homem aceitaria uma mulher que acordava de madrugada para escrever. Sim. Carolina, com três filhos, sozinha, mulher da favela, tinha um caderno e um lápis debaixo do travesseiro e acordava no meio da noite para escrever quando tinha inspiração ou algum tempo só para si, sem marido para dar satisfação. Isso é feminismo! (Albuquerque, 2022, p. 210).

Considerações finais

Em *Memórias da plantação* (2019), Grada Kilomba afirma que o ato de escrever é uma ferramenta transformadora para mulheres negras, historicamente subalternizadas pelo

silenciamento que lhes foi imposto; ferramenta capaz de transformá-las de objeto narrado em sujeitos emancipados. Ao refletir sobre o poema de Jacob Sam-La Rose² que serve de epígrafe para o primeiro capítulo de seu livro, ela afirma:

Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político. O poema ilustra o ato da escrita como um ato de *tornar-se* e, enquanto escrevo, me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou (Kilomba, 2019, p. 28).

Na mesma direção, no prefácio do aclamado romance *Ponciá Vicêncio* (2018), Conceição Evaristo afirma:

Se para algumas mulheres o ato de escrever está imbuído de um sentido político, enquanto afirmação de autoria de mulheres diante da grande presença de escritores homens liderando numericamente o campo das publicações literárias, para outras, esse sentido é redobrado. O ato político de escrever vem acrescido do ato político de publicar, uma vez que, para algumas, a oportunidade de publicação, o reconhecimento de suas escritas, e os entraves a ser vencidos, não se localizam apenas da condição de a autora ser inédita ou desconhecida. Não só a condição de gênero vai interferir nas oportunidades de publicação e na invisibilidade da autoria dessas mulheres, mas também a condição étnica e social.

Neste artigo, buscamos identificar e discutir o modo como as duas escritoras tomaram a escrita de si, a escrita íntima, a memória, como estratégia para refletir sobre identidade, família e relações raciais no Brasil. Contribuindo para ampliar a presença da ficção no conjunto da produção literária de mulheres negras na literatura brasileira contemporânea, *Vozes de retratos íntimos* e *Cartas a um homem negro que amei* são obras nas quais a reação ao apagamento, supressão e/ou rejeição da perspectiva das mulheres negras se dá pela escrita, pela afirmação do direito de falar, narrar e escrever, reafirmando, conforme afirmava Lélia González (2020, p. 141) o “[...] direito de ser sujeito não apenas de nosso próprio discurso, mas de nossa própria história.”

Explorando de maneira perspicaz a relação entre texto, imagem e voz por meio do emprego das fotos do álbum familiar como artifício literário, a narrativa de *Vozes de retratos íntimos* cria, de uma forma bastante convincente, um pacto de intimidade com o público leitor. Já em *Cartas a um homem negro que amei*, destaca-se o condicionamento interseccional dos

²“Por que escrevo?/Porque eu tenho de/Porque minha voz,/em todos seus dialetos,/tem sido calada por muito tempo”

espaços público e privado da protagonista, fazendo interagir o autobiográfico e o ficcional, a subjetividade em relação às contradições da estrutura social. Trata-se de uma narrativa tecida a partir de uma nítida intenção política, na medida em que investe contra as naturalizações racistas, de gênero e de classe nas atitudes individuais das personagens com quem a narradora interage.

Nas duas obras, a discussão sobre a identidade das narradoras aparece fortemente vinculada ao modo como as famílias brasileiras reproduzem a hierarquia racial vigente, particularmente em lares interracialis. Os livros de Ohnmacht e Albuquerque mostram estereótipos e hierarquias de raça em funcionamento pela mobilização da memória e do testemunho para fins de contribuir com a “[...] ruptura da camada de concreto com a qual a ideologia colonial branca procurou enterrar a história da violência de classe e racial neste país, bem como a história de lutas e resistências.” (Seligmann-Silva, 2022, p. 22).

Vozes de retratos íntimos e *Cartas a um homem negro que amei* são obras que se afirmam como narrativas multifacetadas, nas quais o passado e o presente dialogam, em intrincado mosaico de reflexões sobre a condição identitária das personagens narradoras, já que, conforme ressalta Lugones (2020, p. 12), “[...] somente ao perceber gênero e raça como tramados ou fundidos indissolavelmente, podemos realmente ver as mulheres de cor.” Para tanto, o emprego de dispositivos de escrita e artifícios ficcionais que se realizam pela fusão entre a experiência individual das autoras/narradoras e elementos ficcionais. A organização fragmentada das duas narrativas e a forte influência autobiográfica são elementos significativos nas duas obras, que não se furtam de evidenciar, em recorrentes momentos, a intenção política subjacente à escrita ficcional. Desempenhando um papel fundamental na formação da memória cultural e na análise das formas como as sociedades se constroem, incluindo o que decidem lembrar ou esquecer como características definidoras, a literatura de Taismin Ohnmacht e Fabiane Albuquerque nos permite, conforme salienta Djamila Ribeiro (2018, p. 27): “[...] pensar o mundo por outras lentes e outras geografias da razão.”

Referências

- ALBUQUERQUE, Fabiane. *Cartas a um homem negro que amei*. Rio de Janeiro: Malê, 2022.
- ALBUQUERQUE, Fabiane; DINIZ, Vanessa. A infantilização de mulheres brancas: dispositivo de raça, gênero e classe na construção de subjetividades. *Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, v. 17, n. 3, p. 60-69, 2022. DOI: <https://doi.org/10.34019/2318-101X.2022.v17.37908>.

Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/37908>. Acesso em: 10 nov. 2024.

ALBUQUERQUE, Fabiane Cristina. Meu corpo em campo: reflexões e desafios no trabalho etnográfico com imigrantes na Itália. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 26, v.1, p. 309-326, 2017. Disponível em

<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/141421/140857>. Acesso em: 10 nov. 2024.

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. *Sociedade e Estado*, v. 31, p. 15-24, 2016. Disponível em

<https://www.scielo.br/j/se/a/wKkj6xkzPZHGcFCf8K4BqCr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em

<https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2024.

COLLINS, Patricia Hill. Epistemologia feminista negra. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (orgs.) *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 139-170.

DALCASTAGNÈ, Regina. Vivendo a ilusão biográfica. A personagem e o tempo na narrativa brasileira contemporânea. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, v. 10, n. 8, p. 112-125, 2005.

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i8p112-125>. Disponível em:

<https://revistas.usp.br/ls/article/view/19634/21698>. Acesso em: 15 out. 2023.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Literafro - O portal da literatura Afro-Brasileira*, 2023. Disponível em:

<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>. Acesso em: 25 ago. 2024.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*, Brasília, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005.

Disponível em <https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2024.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo-afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs.) Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo - diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.

KANDJIMBO, Luís. Duas vozes da nova geração literária de mulheres angolanas: Luaia Gomes Pereira e Djaimilia Pereira de Almeida. In: QUEIROZ, Mirna (org.). *Travessias imaginárias: literaturas de língua portuguesa em nova perspectiva*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020. p. 30-54.

- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação* - episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqznb>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.) *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 27-53.
- MIGNOLO, Walter. Epistemic disobedience and the decolonial option: A manifesto. *Transmodernity: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World*, v. 1, n. 2, p. 44-66, 2011. Disponível em <https://escholarship.org/content/qt62j3w283/qt62j3w283.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *Silêncios prEscritos* - estudo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006). Rio de Janeiro: Malê, 2019.
- NORONHA, Jovita Maria Gerheim. *Ensaio sobre a autoficção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- OHNMACHT, Taismin da Motta. *Do laço social ao corpoema*: enlaces entre negritude e psicanálise. 2019. 150f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/205362>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- OHNMACHT, Taismin. *Vozes de retratos íntimos*. Porto Alegre: Taverna, 2021.
- RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SALGUEIRO, Maria Aparecida Ferreira de Andrade. Literaturas femininas afro-diaspóricas na contemporaneidade: enfoques e perspectivas. *Caderno Seminal*, Rio de Janeiro, n. 46, p. 18-47, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/80745>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado*: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2017.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. *Famílias inter-raciais*: tensões entre cor e amor. São Paulo: Fósforo Editora, 2023.
- SEDLMAYER, Sabrina. A vida está lá, na escrita? Espaços biográficos na prosa portuguesa contemporânea. In: QUEIROZ, Mirna (org.). *Travessias imaginárias*: literaturas de língua portuguesa em nova perspectiva. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020. p. 10-29.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*. Campinas: Editora da Unicamp, 2022.
- WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.



Recebido em 10 de setembro de 2024

Aceito em 26 de novembro de 2024